



Corpo ferido e ethos semiotizado em campanhas de combate à violência contra a mulher

RENATA DE OLIVEIRA CARREON

Universidade Federal de São Carlos

LUCIANA CARMONA GARCIA MANZANO

Universidade de Franca

RESUMEN. El objetivo de este artículo es determinar cómo se construye el discurso contra la violencia doméstica a partir de un dispositivo de control que oscurece, históricamente, las posibilidades de hablar sobre la violencia que afecta y coacciona a los cuerpos femeninos. Por tanto, utilizamos el concepto de *ethos* de Maingueneau (2010, 2011), además de las ponderaciones de Michel Foucault (2015) acerca de los dispositivos de control discursivos. Buscamos, con esta discusión, comprender el discurso construido como un llamamiento al combate a partir de la puesta en evidencia de las marcas del (y en el) cuerpo, en los anuncios de campañas de APAV (Asociación Portuguesa de Apoio a la Víctima). Nuestro objetivo es observar la irrupción de un *ethos semiotizado* esencial—propuesto como una ramificación necesaria del concepto de *ethos* discursivo— mediante el cual los sujetos implicados en esas cuestiones se sienten afectados y, por lo tanto, deciden delatar los abusos que ocurren en el ámbito íntimo.

PALABRAS CLAVE: *ethos, dispositivos de control, violencia doméstica*

RESUMO. Este artigo objetiva verificar a constituição do discurso contra a violência doméstica a partir de um dispositivo de controle que opacifica, ao longo da história, as possibilidades do dizer sobre a violência que atinge e coage os corpos femininos. Para isso, será mobilizado o conceito de *ethos* de Maingueneau (2010, 2011), além das teorizações de Michel Foucault (2015) sobre os dispositivos de controle sobre o discurso. Perscruta-se, com tal discussão, compreender o discurso que se constrói como um chamamento ao combate a partir das marcas do (no) corpo, por meio de anúncios de campanhas da instituição APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Víctima), e observar a irrupção de um *ethos semiotizado* essencial – proposto aqui como uma ramificação necessária do conceito de *ethos* discursivo – para que os sujeitos envolvidos nessas questões sejam atingidos e, portanto, denunciem os abusos ocorridos no âmbito familiar.

PALAVRAS-CHAVE: *ethos, dispositivos de controle, violência doméstica*

ABSTRACT. The aim of this paper is to determine how discourse against domestic violence is constructed, by focusing on a control device which has obscured, throughout history, the possibilities of speaking about violence affecting and coercing women's bodies. To this end, we use Maingueneau's concept of *ethos* (2010, 2011), as well as Michel Foucault's (2015) reflections on control devices in discourse. With this discussion, we intend to shed light on discourse produced in the APAV (Portuguese Association for Victim Support) campaign ads, an institution that encourages the fight against

domestic violence, by drawing attention to the bruises of (in) the body. Our purpose is to observe the emergence of an essential *semiotized ethos*, proposed in this paper as a necessary ramification of the concept of discursive ethos, by means of which subjects feel concerned with these issues, and therefore, they report family abuse.

KEYWORDS: *ethos, control devices, domestic violence*

Reflexões introdutórias

Na atualidade, é cada vez maior a emergência e a circulação de campanhas midiáticas contra todo tipo de violência, seja ela religiosa, de gênero ou de orientação sexual; o que, por um lado, demonstra a facilidade com que se pode falar em defesa da vítima mas, por outro, atesta a continuidade da prática violenta na sociedade. Nessa esteira de acontecimentos, as ações voltadas especificamente para a mulher que sofre violência doméstica têm adquirido lugar de destaque, uma vez que a estatística aponta que a maioria das vítimas ainda pouco denunciam e sofrem, caladas, abusos, muitas vezes, diários. Por conseguinte, tais campanhas, com o intuito de fazer com que a violência seja denunciada, escancaram um corpo agredido, ferido, trazendo à tona o que antes estava oculto pelo silêncio da intimidade.

Tendo em vista este modo de ver o corpo feminino ferido, o presente artigo objetiva verificar o funcionamento desse discurso de denúncia, assim como a construção de um *ethos* e, conseqüentemente, do corpo da mulher vítima da violência doméstica; *ethos* que busca, a partir da construção de uma denúncia ficcional, persuadir o(s) sujeito(s), sobretudo as mulheres vitimadas, a oferecer também uma denúncia. Para tanto, será mobilizado o conceito de *ethos* de Maingueneau (1989, 1996, 2001, 2008a, 2008c, 2010, 2011, entre outros), além das reflexões de Michel Foucault (2015) sobre os dispositivos de controle sobre o discurso. Vislumbra-se, com tal discussão, compreender o discurso que se constrói como um chamamento ao combate a partir das marcas do (no) corpo, e observar a irrupção de um *ethos* essencial para que os sujeitos envolvidos nessas questões sejam atingidos e, portanto, denunciem os abusos ocorridos no âmbito familiar.

O corpus de análise selecionado é composto por anúncios de campanhas¹ da instituição APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.² O intento dessas ações é colocar em evidência o corpo feminino violado como recurso para a iniciativa da denúncia, tanto das vítimas quanto do público em geral: instaura-se uma ordem do olhar para a existência deste corpo - o choque - porque é preciso dar visibilidade a esse corpo para que ele também tenha poder.

1. A violência contra a mulher

O termo “violência” pode ser definido de diversas maneiras, como discute Moreira (2012) em seu artigo acerca da designação de *violência* em dicionários

da língua. A definição mais abrangente e, por isso, produtiva, é a trazida pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (www.dicio.com.br), o qual designa ao termo a qualidade daquele que é violento; emprego de força física ou intimidação moral contra alguém; cerceamento da justiça e do direito, coação, opressão, tirania; ação destrutiva, exercida com ímpeto, força; expressão ou sentimento vigoroso. É nesse contexto que se define a violência contra a mulher, também intitulada violência de gênero e violência doméstica.

Para Teles e Melo (2003), conforme Scardueli e Maliska (2012),

Geralmente esse tipo de violência ocorre entre homens e mulheres que possuem ou possuíram algum tipo de intimidade: namorados, cônjuges, companheiros. A intenção do homem com a violência não é necessariamente provocar um dano físico e sim intimidar a mulher, para que ela fique submissa e atenda a seus desejos e intenções, para tê-la sob seu controle. E, por ter intimidade com ela, e conhecê-la bem, o agressor sabe como agir para atingir a vítima, que se torna mais vulnerável aos seus ataques (Scardueli e Maliska 2012: 7).

Deste modo, uma das principais características da violência doméstica é a rotinização, quando o ato violento torna-se parte da rotina da vítima, afetando sua autoestima e trazendo-lhe problemas de saúde. Segundo a APAV,³ a vítima vive em um ciclo de medo, esperança e amor:

Este ciclo é vivido pela vítima numa constante de medo, esperança e amor. Medo, em virtude da violência de que é alvo; esperança, porque acredita no arrependimento e nos pedidos de desculpa que têm lugar depois da violência; amor, porque apesar da violência, podem existir momentos positivos no relacionamento. O ciclo da violência doméstica caracteriza-se pela sua continuidade no tempo, isto é, pela sua repetição sucessiva ao longo de meses ou anos, podendo ser cada vez menores as fases da tensão e de apaziguamento e cada vez maior e mais intensa a fase do ataque violento. Em situações limite, o culminar destes episódios poderá ser o homicídio (www.apav.pt).

Por conta dos abusos sofridos com frequência, que vão desde humilhações constantes, coerção sexual e comportamentos de controle, a mulher, prisioneira do parceiro e do medo, não denuncia, o que faz com que tal crime aconteça sorrateiramente em diversos lares no mundo. Assim, cada vez mais, o Estado e a sociedade se mobilizam para coibir esse delito. As medidas tomadas, no Brasil, incluem a criação de delegacias de polícia especializadas no atendimento à mulher, a implantação de centros de referência psicossocial para atendimento desse tipo de vítimas, a promulgação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), a criação de portais na *internet*, dentre outras, são estratégias utilizadas para o enfrentamento dessa questão (Scardueli e Maliska 2012: 7). Apesar das ações adotadas no Brasil, muitos países ainda estão no início da luta contra a violência doméstica.

A campanha mobilizada para análise no presente estudo pertence à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - APAV, organização sem fins

lucrativos, fundada em 1990, e que presta serviços gratuitos no âmbito jurídico, psicológico e social. A escolha do material deve-se, sobretudo, ao caráter representativo da campanha, que está na mesma linha de muitas outras adotadas no mundo: a de mostrar o corpo ferido da mulher como impacto visual.

2. Pressupostos teóricos

A concepção pessoal – a qual chamou “deformação” – de *ethos* de Dominique Maingueneau (2008c) inscreve-se dentro da perspectiva da Análise do discurso de linha francesa. O autor afirma que sua concepção ultrapassa o quadro da argumentação (2008c: 64), pois vai além da persuasão pelos argumentos; a noção de *ethos* permite refletir de forma mais geral sobre a adesão dos sujeitos a determinado posicionamento.

Em *Gênese dos discursos* (2008a), Maingueneau opera com o conceito de semântica global em que todos os planos da discursividade estão submetidos a um mesmo sistema de restrições globais. Dentre esses planos estariam o léxico, a maneira de dizer, o tema do discurso, a organização da sociedade que enuncia. Assim, ao especificar o funcionamento discursivo, Maingueneau concebe epistemologicamente um *filtro* que delimita os critérios que, em uma dada formação discursiva, distinguem o que é ou não possível de ser enunciado no interior daquela formação, bem como com que outras formações o discurso do “eu” pode evocar.

O conceito de semântica global nos interessa na medida em que o *ethos* é concebido pelo autor como derivado, em primeiro lugar, da semântica global de uma formação discursiva. Segundo Maingueneau, a semântica global de um discurso define também um *ethos* característico e, em decorrência, um léxico e uma maneira de dizer que lhe dão concretude:

Em vez de considerar o *ethos* da mesma forma que a retórica, como um *meio* de persuasão, nos inclinamos a pensá-lo em termos de *dispositivo enunciativo*. O *ethos* é parte integral deste dispositivo como o vocabulário ou as formas de circulação próprias do modo de existência do enunciado. Não é então dissociável da situação de enunciação do discurso, o que designamos como cenografia (Maingueneau 1996: 82, tradução nossa).⁴

O autor apresenta e relê o conceito de *ethos* em diversos trabalhos:⁵

Neles, além de insistir em uma abordagem discursiva do conceito, apresenta análises não necessariamente associadas a formações discursivas ou posicionamentos (Possenti e Mussalim 2010: 73).

2.1. CENAS DA ENUNCIÇÃO

Para Maingueneau (2011), qualquer texto,⁶ oral ou escrito, tem uma *vocalidade* específica que permite relacioná-la ao enunciador, a um *fiador* que, por

meio do seu *tom*, atesta o que é dito. Em outras palavras, mesmo quando se tem uma produção escrita, é possível lhe atribuir um tom característico que a legitima. Essa vocalidade implica na determinação de um corpo do enunciador, “assim, a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador” (Maingueneau 2011: 72). Desse modo, a melhor maneira de definir o fiador é exatamente tomá-lo como “instância subjetiva”, uma vez que este não é nem o sujeito empírico, nem o sujeito da enunciação, mas uma instância que faz com que o co-enunciador⁷ *fie* o *ethos* por meio de uma vocalidade e uma corporalidade.

Essa incorporação do co-enunciador a um mundo ético só pode ocorrer com o apoio recíproco de uma cena da enunciação, já que é esta que o convoca a assumir um lugar. O discurso pressupõe uma cena de enunciação para ser enunciado e deve validá-la: ele deve instituir a situação de enunciação que o torna pertinente. E é por meio do *ethos* que o destinatário se inscreve nessa cena que o discurso do fiador implica.

Embora a concepção de corporalidade de Maingueneau esteja ligada não a um corpo físico de um sujeito empírico, mas a um corpo que é construído por meio de um discurso, ligado a um tom que emerge de uma vocalidade, tomamos, neste trabalho, a noção de *corpo* de forma mais abrangente, levando em conta, de fato, o corpo do locutor extradiscursivo. Tal tomada de posição se faz necessária sobretudo quando se quer tentar operar com a categoria de *ethos* semiotizado,⁸ noção explorada em subtópico precedente. Disso decorre que podemos agregar, então, à noção de corporalidade, o estudo sobre o corpo.

Segundo Courtine (2013), o interesse em ter o corpo como objeto de estudo data da virada do século. Para ele, é no pensamento de Foucault (2015) que o corpo acede ao estatuto de objeto, quando este, em *Vigiar e punir*, assevera que a “generalização do encarceramento e a sistematização das disciplinas” fizeram do corpo o alvo essencial de uma microfísica do poder:

Mas o corpo é também diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder operam sobre ele uma influência imediata; elas investem contra ele, o marcam, o adestram, o suplicam, o constroem a trabalhos, o obrigam a cerimônias, cobram dele signos (Courtine 2013: 16).

O autor, buscando o discurso que não se encontrava em Foucault, encontra o corpo. Nesse contexto, surge a semiologia histórica, que subentende parte do projeto da *História do rosto*, no qual Courtine (2013) se propõe a verificar a relação entre corpo e discurso nas formas da palavra pública. Tal projeto, se de início foi limitado à época e ao âmbito político, transformou-se, por conta da historicidade dos objetos encontrados, em uma vasta pesquisa sobre as representações do rosto e da expressão desde o século XVI (Courtine 2013: 31).

Sobre a semiologia histórica, Courtine faz a ressalva de que sua concepção de semiologia vai além daquela profetizada por Saussure (1971) na vaga e célebre afirmação:

Pode-se conceber uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social [...]. Nós a denominaremos semiologia [...]. Ela nos ensinará em que consistem os signos, quais leis os regem. Já que ela não existe ainda, não é possível prever o que ela será; mas ela tem direito à existência, seu lugar é determinado antecipadamente... (Courtine 2013: 33).

O termo, difundido pelos linguistas do último século, pré-existe a seu uso saussuriano e tem seu lugar no campo da medicina, em que designa as técnicas de observação de indícios, que configuram os sintomas.

Nessa esteira de pensamentos, Carlo Ginzburg (1990), a partir de seu “paradigma do indício”, defende que, nos últimos anos do século XIX, outras mentes já se debruçavam sobre tal questão. Exemplo disso é Giovanni Morelli, que criou uma nova técnica de atribuir pinturas ao seu pintor de fato a partir de indícios antes relegados a meros detalhes da obra, como o lóbulo de uma orelha. Também Ginzburg (1990) cita Freud que entendia no lapso, ou seja, nas falhas da palavra consciente, indícios do discurso inconsciente. Por fim, ainda faz menção a Conan Doyle que, por meio de Sherlock Holmes, cria o detetive dos indícios. Os três autores referidos por Ginzburg tinham formação médica e criavam, concomitantemente a Saussure, outra semiologia. Sobre essas duas semiologias, Courtine afiança: “E, se for necessário escolher entre estas duas vias divergentes na análise e na interpretação das imagens, eu, naquilo que me concerne, já escolhi meu campo: aquele de Sherlock Holmes, antes que o de Saussure” (Courtine 2013: 40).

Chegamos, assim, ao que de fato interessa ao analista do discurso que procura no corpo um objeto de estudo tão palpável quanto o próprio discurso. Estudar o corpo é, antes e acima de tudo, estudar os indícios; é ser um detetive que vê o que, pela maioria, não é visto. Este já tem sido o papel do analista ao submeter o discurso à prova, ao eviscerá-lo e tirar dele de tudo: interdiscurso, memória, formação discursiva, *ethos*. Agora, propomo-nos a, juntamente ao discurso, pensar sobre o corpo.

Além disso, Maingueneau (2008c: 71) assevera que o *ethos* resulta da interação de diversas instâncias, que são mais ou menos importantes de acordo com o gênero do discurso:

- *Ethos* pré-discursivo: imagem criada pelo destinatário antes da enunciação;
- *Ethos* dito: o enunciador evoca em sua própria enunciação informações sobre si que podem contribuir para um *ethos* não-verbal, que o leitor confrontará com o *ethos* discursivo. O sujeito enuncia “eu sou isso, eu não sou aquilo” e essas afirmações ou negações sobre si constituem um *ethos* dito, mas que pode ser validado ou não por seu discurso.
- *Ethos* mostrado: é construído pelo destinatário a partir de índices na própria enunciação: escolhas lexicais, complexidade da sintaxe, tom. Enfim, o *ethos* mostrado está na ordem do discurso e é associado ao

que o enunciador efetivamente enuncia. Maingueneau (2008c : 71) ainda ressalta que o *ethos* dito e o mostrado inscrevem-se em uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o dito sugerido e o mostrado.

- O *ethos* discursivo advém da relação entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado, e o *ethos* efetivo é a interação dessas diversas instâncias.

Todavia, com base no nosso corpus de análise, entendemos que entre os *ethé* dito e o mostrado opere também um tipo particular de *ethos* que denominamos *semiotizado*.

2.2. ETHOS SEMIOTIZADO

Ethos semiotizado: no mesmo nível do *ethos* dito (o que o enunciador diz de si) e do *ethos* mostrado (construído por meio de construções verbais), o *ethos* semiotizado, constituído por meio de construções não verbais, ou “produções não linguísticas”, como denominou Maingueneau (2008c), interage com essas duas instâncias para, em seguida, ajudar na construção de um *ethos* efetivo. Com efeito, é importante ter em conta que o *ethos* semiotizado não deixa de ser da mesma ordem do dito e do mostrado, sendo ele uma subdivisão de um *ethos* discursivo. Em outras palavras, o *ethos* discursivo advém da interação entre o dito, mostrado e o semiotizado, resultando assim, juntamente com o pré-discursivo, em um *ethos* efetivo. Afinal, para Maingueneau (2008b), as práticas intersemióticas são da ordem das práticas discursivas.

Tendo situado a nova categoria dentro da proposição inicial de Maingueneau (1989, 1996, 2001, 2008a, 2008c, 2010, 2011, entre outros), passemos à sua teorização. Sobre a importância de se dar tal abordagem ao *ethos*, Soulez (2002: 14, tradução nossa) assevera: “esta semiótica da enunciação não está relacionada a indícios, como certos trabalhos tendem a propor, mas pertence a outro processo interpretativo mais relacionado aos estereótipos sociais”.

Decorre que o *ethos* semiotizado, como dito anteriormente, é construído a partir do corpo significante, seja ele visto em fotos, vídeos na *internet* ou televisão. Maingueneau (2004) afirma que a manifestação material dos discursos, bem como seu modo de difusão, é algo que se deve ter em conta, uma vez que o *midium* não é apenas “simples ‘meio’ de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer” (Maingueneau 2004: 71). Como dito alhures, este artigo propõe a análise do *ethos* levando em consideração não apenas os enunciados, mas também as cenografias a que o enunciador recorre, as escolhas lexicais, as vestimentas, o corpo, o tom de voz, etc. Dessa forma, propomo-nos a investigar a constituição da imagem de si construída pelo destinatário a partir de vários índices que não apenas os verbais, seguindo o princípio de que uma semântica global rege e filtra esses índices.

Com efeito, propomos que o esquema tradicional delineado por Maingueneau (1989, 1996, 2001, 2008a, 2008c, 2010, 2011, entre outros) seja ampliado. O *ethos* efetivo viria, portanto, da interação entre o *ethos* pré-discursivo e o discursivo, sendo este constituído também pela relação que se dá, de forma não linear, entre o dito, o mostrado e o semiotizado – e todas as categorias são embasadas (e construídas a partir de) por estereótipos sociais a que os sujeitos estão imersos.

2.3. OS DISPOSITIVOS DE CONTROLE DO DISCURSO

Foucault (2000a) observa que o corpo social aparenta surgir por força de um consenso ou de uma unanimidade de vontades quando, efetivamente, é a partir da materialidade do poder exercido sobre o corpo dos indivíduos que se produz o corpo social. As relações de poder sobre o corpo transformaram-no, ao longo da história, em beleza, utilidade, modelo, força.

Foucault (2015) procurou analisar, em seus escritos sobre a loucura, as prisões e a sexualidade, uma relação de normatividade, surgida no início das sociedades industriais,⁹ que nomeia e segrega os considerados anormais, instaurando, conseqüentemente, um dispositivo punitivo: uma disciplinarização e uma normalização levadas a cabo no século XIX que incidem nos corpos, coage os gestos e os comportamentos.

Foucault (2015: 47), define o dispositivo como um conjunto de “estratégias de relações de forças suportando tipos de saber e sendo suportado por eles”. Essa definição nos leva a compreender a existência de uma rede de elementos heterogêneos que, colocados em jogo, constroem o que se pode chamar de *vontade de verdade* (Foucault 1996). Por sua vez, a vontade de verdade continua reforçando os elementos do dispositivo, num movimento de correspondência mútua.

A estrutura heterogênea de que trata Foucault compreende discursos postos em circulação, “instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (Foucault 2000b: 243). O que se diz e o que se cala são, igualmente, elementos do dispositivo. As relações de poder entre esses elementos também serão de natureza muito diferentes, e alguns exemplos ilustram essas relações que dão forma ao dispositivo:¹⁰ a concepção da mulher como inferior ao homem consagra, por meio do texto bíblico, uma verdade institucional que rege o funcionamento das doutrinas religiosas. Apoiados em versículos sagrados,¹¹ o discurso religioso legitima uma verdade que valida gestos e comportamentos, dá forma a elementos que justificam práticas violentas, sustenta um imaginário que normaliza certas práticas em nome do sacramento do matrimônio. Ainda sobre o dispositivo, Foucault o compreende como uma formação que, em um dado momento histórico, funcionou como resposta a uma urgência: esta seria sua função estratégica dominante. Nosso exercício ilustrativo pode dar conta de uma urgência possível para o discurso

bíblico: o poder pastoral da instituição religiosa sobre os corpos dos fieis coage comportamentos para a salvação da alma e reafirma uma normatividade.

A organização da economia mercantilista, antes do século XIX, também atua na construção de um dispositivo de controle na medida em que obriga a população a se instalar nas cidades para viabilizar o trabalho regular e sistemático. A formação familiar, centrada nas figuras do pai e da mãe, que se constrói em torno de uma divisão de tarefas dentro e fora do lar, obriga o homem a cumprir sua jornada fora de casa e a garantir o sustento da prole ao mesmo tempo em que lega à mulher a condição de mantenedora do lar e cuidadora dos filhos.

O Estado Brasileiro, como mais uma ramificação dessa construção do dispositivo de controle, sob a égide da defesa da vida, impõe, ainda hoje, sobre o corpo da mulher, um poder punitivo que age contrariamente à possibilidade de negação da condição de genitora, obrigando-a a parir.

Ao longo da história, também é possível observar que a sociedade continuou produzindo e colocando em circulação determinados discursos que entram nesse jogo de poder e gozam de um estatuto de legitimidade, de modo a fortalecer o funcionamento do dispositivo de controle sobre o corpo da mulher. O imaginário social em torno do provérbio “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher” criou identidades e sentidos que, paulatinamente, foram apagando da superfície discursiva a condição criminosa da violência doméstica. Ao apagar a condição de violência sobre a agressão do marido/namorado/companheiro/parceiro à esposa/namorada/companheira/parceira, surgem outros sentidos que mascaram e/ou relativizam a violência, enclausurando-a sob a jurisdição da intimidade, reforçando os discursos que silenciam a voz feminina enquanto vítima e deixando-a à deriva. Apagando ou obscurecendo os sentidos sobre a violência contra a mulher, reforça-se um discurso que continua legando a ela um lugar à margem e um comportamento resignado. Desse modo, não há mais condições para que se veja a ação da violência sobre o corpo da vítima; há uma ordem do discurso que encontra uma ordem do olhar e, juntas, regem um não poder/não dever ser visto, porque não pode/não deve ser dito.

3. Corporificando análises

Foucault (2015) também observa que, juntamente com a construção de uma relação de poder, instaura-se a possibilidade de uma resistência tão produtiva e estratégica quanto ele, e com força de dispersão semelhante, já que as relações de poder seriam unicamente uma dominação e um aprisionamento sem a possibilidade de uma resistência. As campanhas da APAV emergem dessa força de resistência que partem dos próprios discursos produzidos do interior dos dispositivos de controle para deslocar os sentidos.

No presente tópico, propomo-nos a analisar algumas das campanhas da APAV voltadas para o combate à violência contra a mulher. Foram escolhidas algumas imagens da campanha que formam séries de enunciados e nos dão

condições de observar analiticamente o funcionamento discursivo das peças de campanha da APAV sobre a temática da violência doméstica contra a mulher.



Série 1 (Fonte: www.apav.pt)

As Série 1 apresenta regularidades que dão a ver uma mulher com o rosto ferido, o corpo posicionado de modo levemente lateral, vestida de branco, como uma noiva, com um buquê de flores nas mãos, cujo olhar encara frontalmente o leitor. O efeito remissivo do retrato aciona a memória icônica da união matrimonial religiosa, lugar legitimado para o uso do vestido branco e do buquê de flores. Do verbo junto à imagem – *até que a morte nos sepre* – é possível recuperar seu interdiscurso: ele faz alusão à promessa feita pelos casais, na igreja, ao se casarem; por sua vez; tal enunciado proferido no templo religioso dialoga com passagens da Bíblia que asseveram o caráter da união vitalícia: “Quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério; e aquele que casa com a mulher repudiada pelo marido também comete adultério.” (Lucas 16: 18); “Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e os dois serão uma só carne. Assim, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não separe!” (Marcos 10, 7-9). Assim, de forma breve e, talvez, simplista, recuperamos os enunciados que dialogam com o enunciado principal da figura. O jogo de sentidos que a palavra *morte* carrega na materialidade da peça de campanha instaura dois paradigmas de leitura interdependentes: a morte como única forma de desunir os corpos selados pelo sagrado matrimônio e a morte como consequência da violência doméstica. Na parte inferior da imagem, ainda é possível encontrar os dizeres *A violência doméstica não tem que ser para sempre. Fale agora*. Observa-se que o intento da campanha, que é o de persuadir o sujeito feminino a denunciar a violência sofrida, é construído no diálogo com a negativa do enunciado primeiro.

Em outras palavras, o fiador desse discurso afirma que, embora a promessa feita no altar seja para sempre, os abusos ocorridos não precisam ser, criando uma antítese apoiada nos termos *sempre e agora*.

O fiador do discurso e, conseqüentemente, do *ethos* construído por meio do discurso tece seu enunciado nas malhas do interdiscurso. Com isso, emerge da campanha uma imagem da mulher: aquela que sofre calada. O *ethos* dessa mulher é construído em todas as figuras veiculadas na campanha da APAV e, com isso, há a expectativa de que a mulher, identificando-se com tal *ethos*, adira a tal apelo. Como dito anteriormente, o *ethos* vai além da persuasão, pois faz com que se reflita de maneira mais geral sobre a adesão a determinado posicionamento. Portanto, o *ethos* da mulher que sofre calada é imprescindível para gerar adesão do interlocutor específico da campanha.

A construção do *ethos* por meio do corpo observa-se, primeira e imediatamente, pelo destaque do vestido branco com o buquê: a vestimenta ocupa a maior porção da imagem. O vestido de noiva branco, popularizado pelo casamento da rainha inglesa Vitória no século XIX, passa a simbolizar, ao longo da história, a pureza e a castidade, assim como torna-se item essencial (e oficial) de um casamento na igreja. Sendo assim, o vestido, na mesma esteira de sentidos dos enunciados da figura, consolida a memória do casamento (e do viver feliz) para sempre. No entanto, no lugar da maquiagem de noiva, há o rosto ferido, agredido, violado. O teor chocante da materialidade discursiva se revela porque se traz à tona um confronto com o discurso dominante, que obscureceu, ao longo da história, os sentidos sobre a violência contra a mulher. O corpo não se resigna: ele se mostra, ele olha de frente o leitor. Ele dá a ver, pela composição do verbo com a imagem da noiva, a ação da violência do cônjuge sobre o corpo feminino. Ele resiste. Subverte uma aparente ordem do discurso dominante e se impõe como possibilidade do dizer.



Série 2 (Fonte: www.apav.pt)

Na Série 2, vemos uma mulher com uma mão na frente de seu rosto simbolizando silêncio. A similaridade no tom da pele do rosto e da mão sugere, num primeiro momento, a remissão icônica da imagem clássica de pedido de silêncio nos hospitais, incorporada pela imagem da enfermeira com o dedo indicador da própria mão sobre os lábios. No entanto, não se trata de mãos femininas. Mais uma vez, o *ethos* constituído na cena de enunciação (e que é, de fato, o *ethos* veiculado pela campanha da APAV) é o da mulher que sofre calada. E é sabido que sofre, já que tem seu rosto ferido. Sendo assim, a mão masculina simbolizando silêncio e o rosto feminino ferido, como na série anterior, faz com que o interlocutor apreenda que se trata de uma mulher vítima do parceiro e não de um assalto ou acidente de trânsito, por exemplo. O corpo ferido escandaliza, porque emerge de uma opacificação de determinadas condições de possibilidades do dizer e, ao mesmo tempo, provoca compaixão, pois a mulher vítima de violência doméstica identifica-se com o *ethos* construído, já que ela não só vive com o corpo ferido, mas também vive de temor e silêncio. O detalhe que se coloca à produção do discurso na primeira peça de campanha é a flor que se dá a ver na blusa da mulher, que atualiza a memória do delicado e do belo, características construídas para o feminino por contraste às do masculino, mas que também é símbolo da efemeridade da vida. Sendo assim, em um só elemento, a flor, vemos o paradigma da imagem divulgada pela campanha: a beleza da mulher e a sua efemeridade, arrancada de si pelas mãos do parceiro. Por fim, em segundo plano, lê-se *Silence hurts. Call* (número de telefone), enunciado verbal que complementa o texto imagético: a mulher sofre calada. Portanto, uma vez mais, vemos a construção efetiva do *ethos*, constituído por enunciados verbais e não verbais, que se constróem como fomento à denúncia.



Série 3 (Fonte: www.apav.pt)

A série 3 apresenta, verbalmente, uma estatística: uma data (2010) e um contingente (31.679 mulheres). Ainda que, entre uma peça e outra, a violência seja de tipo diferente, o número, que parece não ser uma estatística, é simbólico porque evidencia que há muitos mais casos do que o imaginário social constrói. Usando de ironia ao mesmo tempo em que traz para o fio do discurso a resiliência do sujeito feminino ferido, o fiador começa a tecer o *ethos* da mulher que não só sofre calada, mas daquela que não diz/denuncia, construindo uma narrativa outra para justificar a violência. O dizer em letras menores, que completa o conjunto enunciativo da peça de campanha, instaura o discurso no campo da resistência, porque nomeia a violência: *E milhares de portuguesas continuam a fingir que não vêem. Todos os dias mulheres são vítimas de violência doméstica. Não contribua para que esta situação continue. Quebre o silêncio.* A partir disso, emerge o *ethos* feminino construído pela campanha: o da mulher que sofre calada e não denuncia, mesmo quando, no rosto ferido, está claro que algo está errado. O corpo ferido escandaliza o interlocutor que não sofre com essa violência, mas que também se torna alvo da campanha quando o verbo aponta “e milhares de portuguesas continuam a fingir que não vêem”. Sendo assim, é possível afirmar que o *ethos* construído gera não só a adesão da mulher que se identifica com a situação de abuso, mas também dos sujeitos próximos que calam a violência.

4. *Rascunhos conclusivos*

O presente estudo objetivou verificar a constituição do discurso contra a violência doméstica a partir de um dispositivo de controle que opacifica, ao longo da história, as possibilidades do dizer sobre a violência que atinge e coage os corpos femininos. Também buscamos compreender em que medida se dá a construção do *ethos* na campanha da APAV por meio de enunciados verbais e não-verbais. Com isso, tomamos o corpo ferido da mulher vítima de abuso, corporificado nas figuras das campanhas, para tentar compreender como o corpo escandaliza por meio do choque os sujeitos a quem a campanha se dirige.

O silêncio, tomado como evidência na campanha, é abordado de diferentes formas a fim de sugerir um rompimento, um movimento de resistência, uma vez que o maior problema enfrentado pelos órgãos de combate à violência doméstica é a não-denúncia. Para tanto, vimos emergir da relação imagem-texto o *ethos* da mulher que sofre calada.

A resistência se constrói de modo vigoroso ao instaurar-se dentro de uma ordem do discurso dominante que exalta o macho sobre a fêmea para romper com o dispositivo de controle, que, historicamente, impõe certa organização e funcionamento social a partir de condições de possibilidades do dizer. Ao marcar um lugar do dizer, dentro de uma campanha de uma organização de apoio à vítima, o discurso escandaliza e toma corpo, ganha força e perturba um discurso dominante assentado nas práticas sociais. Foi possível observar,

também, a aplicação do conceito de *ethos* semiotizado – aquele que não apenas leva em conta a esfera do verbal – às peças da campanha, de forma a determinar como a adesão a determinado *ethos*, essencialmente por meio do rosto ferido, tem sido o centro da questão em ações em prol de uma causa. Além disso, buscou suscitar, alhures, o uso do conceito como categoria produtiva de análise.

NOTAS

- 1 Intituladas “Violência doméstica” e “Vítimas de crime”.
- 2 Vale destacar que a organização APAV tem como objetivo apoiar todo cidadão que se enquadre como vítima em alguma condição, não promove exclusivamente campanhas contra a violência sobre as mulheres; as ações incluem como vítimas as crianças e jovens, os idosos, homossexuais, turistas, imigrantes, as vítimas de tráfico humano, trabalho infantil, crimes em geral, cybercrimes, violência contra o patrimônio, etc.
- 3 APAV: Associação portuguesa de apoio à vítima. Disponível em: <www.apav.pt>. Acesso em julho/2015.
- 4 Grifo do autor.
- 5 1989, 1996, 2001, 2008a, 2008c, 2010, 2011, entre outros.
- 6 É importante frisar que o autor entende como texto “os diversos tipos de produções semióticas que pertencem a uma prática discursiva” (Maingueneau 2008a: 139). Ou seja, não apenas as produções linguísticas enunciadas de fato, mas tudo o que se encontra na ordem de uma prática discursiva, seja um enunciado, seja uma pintura.
- 7 Maingueneau, em *Cenas da Enunciação* (2008c), usa o termo “intérprete” para esse co-enunciador que incorpora um mundo ético.
- 8 A noção de *ethos* semiotizado, ainda pouco trabalhada nos canteiros da Análise do discurso, foi eixo norteador da dissertação de mestrado Renata de Oliveira Carreon intitulada “O político em São Carlos: um estudo das imagens de si no discurso dos candidatos a prefeito das eleições 2008”, defendida em 2013. [Disponível em: <http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6578> Acesso em jul/2014].
- 9 E que ecoa, ainda, na contemporaneidade.
- 10 Contudo, não esgotam as relações entre eles, dado que não se pode quantificar e selecionar quais dessas relações são responsáveis por determinados valores de verdade que circulam na sociedade. Localizar algumas dessas relações pode contribuir para a análise do funcionamento dos discursos contemporâneos que trazem, em seu bojo, indícios de ecos históricos a partir dos quais se pode observar a atuação dos dispositivos de controle.
- 11 Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos” (Efésios 5:22-24). “Pois era assim que também costumavam adornar-se as santas mulheres do passado, cuja esperança estava em Deus. Elas se sujeitavam cada uma a seu marido, como Sara, que obedecia a Abraão e o chamava senhor” (1 Pedro 3: 5-6).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COURTINE, J. J. 2013. *Decifrar o corpo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- FOUCAULT, M. 1996. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- FOUCAULT, M. 2000a. Poder-corpo. In R. Machado (org.) *Microfísica do poder*, pp. 145-152. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, M. 2000b. Sobre a história da sexualidade. In R. Machado (org.) *Microfísica do poder*, pp. 243-276. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, M. 2015. O jogo de Michel Foucault. In M. Foucault (ed.). *Ditos e escritos XIX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*, pp. 44-77. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GINZBURG, C. 1990. (ed.). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MAINGUENEAU, D. 1989. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- MAINGUENEAU, D. 1996. El *ethos* y la voz de lo escrito. *Versión 6*: 79-92.
- MAINGUENEAU, D. 2001. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.
- MAINGUENEAU, D. 2008a. A propósito do *ethos*. In A. R. Motta, L. Salgado (orgs). *Ethos discursivo*, pp. 11-32. São Paulo: Contexto.
- MAINGUENEAU, D. 2008b. *Gênese dos discursos*. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial.
- MAINGUENEAU, D. 2008c. *Cenas da enunciação*. Trad. de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial.
- MAINGUENEAU, D. 2010. *Doze conceitos em análise do discurso*. Trad. de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial.
- MAINGUENEAU, D. 2011. *Ethos, cenografia, incorporação*. In R. Amossy (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*, pp. 69-92. São Paulo: Contexto.
- MOREIRA, R. 2012. A designação de violência em dicionários de língua. *Revista Fragmentum* 33: 40-48.
- POSSENTI, S. e MUSSALIM, F. 2010. Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso. In L. Paula, G. Stafuzza (Orgs.). *Da análise do discurso no Brasil à Análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*, pp. 63-88. Uberlândia: EDUFU.
- SCARDUELI, M. C. N. e MALISKA, M. E. 2012. Autonomia da mulher no discurso da violência: submissão mantida. *Revista ProLíngua* 7, 1: 5-15.
- SOULEZ, G. 2002. [Disponível em <http://sites.uclouvain.be/rec/index.php/rec/article/viewFile/3461/3261>]. *Ethos, enonciation, media: sémiotique de l'ethos*. *Recherches en Communication* 18: 175-198 [Acesso em junho 2016].
- TELES, M. A. A. e MELO, M. 2003. *O que é violência contra a mulher*. São Paulo: Brasiliense.

LUCIANA CARMONA GARCIA MANZANO docente do Programa de Mestrado em Linguística da UNIFRAN, Doutora e mestre em Linguística pela UFSCar com

estágio na Université de Toulouse II – Le Mirail. Desenvolve pesquisa na área de Teoria e Análise Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, atuando nos temas: discurso político, violência, intolerância, redes sociais e mídia.

Correo electrónico: luciana.manzano@unifran.edu.br

RENATA DE OLIVEIRA CARREON aluna e bolsista CAPES de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar. Mestre em Linguística pela UFSCar. Desenvolve pesquisa na área de Teoria e Análise Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, atuando nos temas: discurso político, violência, intolerância, redes sociais e mídia.

Correo electrónico: renatacarreon@gmail.com